

QUALIDADE DAS NARRATIVAS INFANTIS ORAIS E ESCRITAS: OS ACONTECIMENTOS E SUA INTERPRETAÇÃO

LOPES, Cristiane de Ávila¹; MIRANDA, Ana Ruth Moresco²

¹Universidade Federal de Pelotas- pedagogacristiane@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – ramil@ufpel.tche.br

1. INTRODUÇÃO

As práticas sociais de leitura e escrita em sala de aula são importantes ferramentas para potencializar o processo de produção de textos. Por esta razão, muitos estudiosos, tais como Ferreiro (1985) e Tolchinsky (1995), sugerem que a leitura e a escrita devem ser oferecidas às crianças no cotidiano escolar desde o período que antecede à alfabetização.

Este estudo tem por objetivo descrever, analisar e comparar a qualidade de textos narrativos, orais e escritos, de dois grupos de crianças do primeiro e segundo ano do ensino fundamental, tomando como critério para análise os acontecimentos e a interpretação da narrativa (TOLCHINSKY, 1995). O primeiro grupo (G1) é formado por crianças que tiveram contato, na Educação Infantil, com a pedagogia montessoriana, e que experienciaram atividades voltadas à leitura, escrita e expressão oral; e o segundo grupo (G2), por crianças que não vivenciaram tal metodologia e que, de modo geral, não foram expostas a atividades voltadas a práticas de linguagem.

De acordo com Tolchinsky (op. cit), a qualidade do texto narrativo pode estar relacionada à presença de certas características que o enriquecem, as quais podem ser favorecidas, mediante um trabalho sistemático direcionado ao exercício da linguagem oral e escrita. Uma dessas características está diretamente relacionada às modificações realizadas pela criança em relação ao texto de referência.

As modificações que não alteram o sentido do relato são chamadas *inferências* e são relacionadas ao texto-fonte, reinterpretadas pela criança e vistas como modificações positivas, pois acrescentam detalhes ao texto. Já as modificações mais profundas, ocasionadas muitas vezes por falhas de interpretação por parte da criança, podem ocorrer de duas formas: *tergiversações locais*, as quais afetam localmente o sentido do texto sem modificá-lo globalmente, ou *tergiversações generalizadas*, mudanças mais profundas, que alteram completamente o sentido do texto, tornando-o empobrecido.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Os textos analisados foram produzidos por crianças que frequentaram o primeiro e o segundo ano do ensino fundamental. As coletas foram realizadas nos municípios de Camaquã/RS (G1) e Pelotas/RS (G2), em escolas da rede pública municipal. A proposta para a produção das narrativas orais (gravadas por meio do software *audacity*) e escritas deu-se a partir de oficinas de produção textual com base nas histórias “Chapeuzinho Vermelho” (primeira coleta, em setembro de 2011), “O Tricô” (dezembro de 2011) e da história “Os três Porquinhos” (abril de 2012), totalizando oitenta narrativas para cada grupo, tanto na modalidade oral quanto na escrita.

Os escreventes desta pesquisa são vinte e oito¹ crianças entre seis e sete anos de idade que cursaram a Educação Infantil da rede pública municipal no ano de 2010. Para caracterização e escolha dos sujeitos, foi enviado um questionário aos pais e/ou responsáveis, juntamente com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Após recolha, as narrativas orais e escritas foram submetidas à análise qualitativa, com base em Tolchinsky (1995). As categorias utilizadas para análise são referentes aos tipos de modificações que podem ocorrer nos textos, ordenadas de acordo com a intensidade de alteração que provocam. No caso de ausência de modificações significativas, utilizamos a categoria “texto intacto”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A tabela abaixo indica o número de textos, orais e escritos, produzidos por cada grupo em cada uma das recolhas, apresentados de acordo com o tipo predominante de modificações ocorridas, as quais foram ordenadas da mais superficial a mais profunda. Os textos que apresentaram mais de um tipo de modificação foram classificados de acordo com o critério de intensidade, ou seja, foi levada em conta a modificação que mais afetava o enredo original.

Tabela 1: Número de textos por tipos de modificação dos dois grupos pesquisados

Tipos de Modificação/ Texto	A Chapeuzinho Vermelho (1ª recolha)				O Tricô (2ª recolha)				Os Três Porquinhos (3ª recolha)			
	Grupo 1		Grupo 2		Grupo 1		Grupo 2		Grupo 1		Grupo 2	
	Texto Oral	Texto Escrito	Texto Oral	Texto Escrito	Texto Oral	Texto Escrito	Texto Oral	Texto Escrito	Texto Oral	Texto Escrito	Texto Oral	Texto Escrito
Escritas que ainda não formavam textos	-	4	-	14	-	0	-	11	-	0	-	8
Inferências	3	3	0	0	4	3	0	0	5	2	2	0
Tergiversações Locais	3	1	7	0	0	1	0	2	4	6	3	3
Tergiversações Generalizadas	0	0	1	0	1	1	2	0	0	0	3	0
Texto Intacto	8	6	6	0	9	9	12	1	3	4	4	1
Total de Textos	14	14	14	14	14	14	14	14	12	12	12	12

Na análise dos textos escritos, foi possível perceber a disparidade no processo de aquisição da escrita dos sujeitos, conforme dados ilustrados pela tabela 1. Enquanto no G1 tivemos a escrita de textos com a estrutura da narrativa desde a primeira recolha, no G2, na maioria dos casos, as crianças estavam produzindo palavras ou iniciando a escrita de frases, não contemplando a escrita de textos por todos os sujeitos na terceira recolha. É importante salientar que em outro estudo, envolvendo os mesmos sujeitos (LOPES e MIRANDA, 2011), foram realizadas, em maio de 2011 com cada um dos grupos, testagens psicogenéticas conforme Ferreiro e Teberosky (1979), e que nenhuma das crianças apresentava

¹ Este estudo, parte integrante de uma pesquisa de mestrado, conta com vinte e oito sujeitos (quatorze em cada um dos grupos). Na primeira e segunda recolha de dados, participaram todos os sujeitos e na terceira recolha participaram doze crianças, devido a transferências para outras escolas.

escrita alfabética, variável independente que se mostrou neutra neste estudo. Nossos dados corroboram os achados por Ferreiro (1985) e Ferreiro e Teberosky (1979), no que se refere à importância de um trabalho voltado aos usos efetivos da linguagem na educação infantil, uma vez que há diferença no processo de aquisição da escrita entre os dois grupos, em se considerando os aspectos analisados, com maiores avanços no G1, grupo exposto a uma metodologia favorecedora de atividades sistemáticas voltadas à leitura e à escrita.

Estando nosso trabalho direcionado à análise da qualidade da narrativa, especialmente aos acontecimentos e à interpretação do relato, acreditamos que as modificações realizadas pelas crianças puderam ser perfeitamente reconhecidas nas narrativas orais (nos casos em que os sujeitos ainda não escreviam textos possíveis de serem caracterizados como narrativos) e que, na maioria dos casos, as crianças mantiveram em seus relatos os mesmos pontos-chaves e as mesmas modificações nas modalidades orais e escritas.

A tabela 1 nos dá mostras de que as inferências foram muito mais frequentes nos textos do G1, as quais, em todos os casos, serviram de estratégia de melhoria para o relato, demonstrando a interpretação ativa da história por parte da criança, como nos mostra a figura 1, excerto de uma narrativa escrita na terceira recolha do G1, na qual a inferência aparece sublinhada:

A MÃE DELES MANDOU ELES FAZER UMA FACONDADE
PORQUE ELES ESTAVAM ADOLESCENTES E ELES SAÍRAM PARA
A FLORISTA CADA UM FAZERAM UMA CASA

Figura 1: Exemplo de inferência em narrativa do G1

Em relação às tergiversações locais, pudemos inferir que, nos textos orais, o G2 apresentou um número maior de modificações no relato, o que ocorreu inversamente nos textos escritos, em que o G1 apresentou número superior de modificações. Atribuímos tal diferença ao fato de o G2 não estar produzindo textos escritos com a mesma desenvoltura que o G1, o que dificulta a análise dos textos daquele grupo em relação às tergiversações locais.

O exemplo em (1) evidencia uma tergiversação local (sublinhada), em uma narrativa oral da primeira recolha do G2:

- (1) *Era uma vez a Chapeuzinho tava saindo da casa dela. Aí apareceu o lobo mau. O lobo mau bateu na casa da vovozinha. Aí quando a Chapeuzinho viu, ela disse:*
- Que orelhão!
E o lobo mau disse:
- É pra escutar bem a sua voz.
- E que narigão!
- É pra... (não sei...)
O lobo mau na casa da vovozinha.
O coelhinho disse pro caçador matar o lobo mau.

Conforme a tabela 1, as tergiversações generalizadas foram muito mais frequentes no G2 do que no G1, o que nos dá pistas de uma maior dificuldade na interpretação do relato por parte daquelas crianças. Conforme Tolchinsky (1995), as tergiversações generalizadas ocorrem quando o processo de produção de textos é controlado localmente. Segundo a autora, “a falta de controle central não permite que a criança perceba a onda expansiva às vezes produzida pela mudança de uma expansão no sentido total do texto” (op. cit, p.89).

A narrativa oral (2) produzida por uma das crianças do G2 durante a segunda recolha pode exemplificar uma tergiversação generalizada do relato:

- (2) *Era uma vez uma bruxinha que tricotava para um gato.
Um certo dia a bruxa fez uma roupa para o gato, mas a roupa ficou muito grande e então a bruxa resolveu fazer um feitiço e o feitiço não deu muito certo porque o gato cresceu e a roupa coube e aí sim o feitiço conseguiu mas o gato também pediu que fizesse calças para a bruxa, que fizesse calças para o gato. E a bruxa então tricou calças para o gato.
E o gato ficou muito feliz. E a bruxa até fez uns tênis pra ele, ela pegou umas solinhas de uns tênis velhos do filho dela e fez uns tênis, achou umas solinhas na rua, e fez uns tênis, ela fez um tricô e colocou uns cadarços e fez as meias também.*

Muitos textos da amostra se mostraram intactos, conforme a tabela 1. Este fato pode ser atribuído a uma maior capacidade de controle da estrutura da narrativa, mas não pode ser relacionado, necessariamente, à qualidade deste tipo de relato. Tal afirmação se deve ao fato de que nos casos em que os textos se mostraram intactos, as crianças não reinterpretaram a história, ou seja, não fizeram sua interpretação ativa do relato, enriquecendo-a com maiores detalhes que poderiam ser esclarecedores e enriquecedores à qualidade da narrativa.

4. CONCLUSÕES

Com este estudo, buscamos evidências à hipótese de que as práticas sociais de leitura e escrita, aliadas ao trabalho voltado a área da linguagem na educação infantil, podem estar relacionados à produção de narrativas de melhor qualidade, especialmente no que se refere aos acontecimentos e à interpretação do relato, como nos mostraram os dados do G1.

Neste sentido, os dados obtidos reforçam a ideia de que atividades voltadas à produção de narrativas orais na educação infantil, bem como um trabalho voltado à oferta de oportunidades de leitura, escrita e expressão oral, em que a criança possa emitir sentimentos, opiniões ou sugestões, podem ser facilitadores de um processo de produção de narrativas de qualidade no percurso da alfabetização formal.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985. 99 p.

FERREIRO, E. e TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999 [1979]. 300p.

LOPES, C. e MIRANDA, A.R.M. **Um estudo sobre os efeitos da Educação Infantil Montessoriana no desenvolvimento da Consciência Fonológica**. In: FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM DE PAULA, M.; KESKE-SOARES, M. **Estudos em Aquisição Fonológica V. 4**. Pelotas: UFPEL, 2011.

TOLCHINSKY [LANDSMANN], L. **Aprendizagem da linguagem escrita – processos evolutivos e implicações didáticas**. São Paulo: Ed, Ática, 1995.